

INFORMAÇÕES

(Continuação da pág. 3)

Contas do Ofertório mensal para a igreja nova: No Ofertório mensal de Junho para a igreja nova foram entregues os seguintes contributos, por ordem decrescente: Anónima – 100 €; Notas e moedas soltas – 58,42 €; Anónimo – 30 €; Maria da Conceição Freitas da Lomba e 1 anónimo – 20 € cada; Margarida de Jesus Sousa Lima, Maria Martins Freitas e 3 anónimos – 10 € cada; Anónimo – 5 €. Total entregue – 283,42 €. Por lapso, não tinham sido publicados 2 donativos do Ofertório de Maio: 1 anónimo – 30 €; 1 anónimo – 20 €. Um grande “Bem hajam” para os que contribuíram!

Donativos para a nova Igreja e

Centro Paroquial: Foram entregues esta semana os seguintes donativos para a construção da nova Igreja e Centro Paroquial: Alzira Pereira – 120 €; Arménia Alves da Rocha – 20 € (mensal); Arminda da Conceição Oliveira Rodrigues Gomes – 40 € (referentes a venda de bolos); Anónima – 20 €; Fernando Moreira – 10 €; Inocência Gonçalves de Barros – 10 € (mensal); Manuel dos Reis Filipe Sousa – 60 € (semestral); Anónima – 100 € (mensal); Maria da Conceição Gonçalves Dias – 20 € (mensal); Anónima – 10 € (mensal); Maria dos Anjos – 10 € (mensal); Vítor Manuel Gonçalves Vieira – 5 € (mensal); Maria da Conceição – 5 €. Bem hajam!

MISSAS			
Dia	Hora	Intenções	
29	Seg	18,30	Ana Gonçalves de Barros e Joaquim Rodrigues; Almerinda Ribeiro Pereira e João Gonçalves Fernandes; João Jesus da Silva
30	Ter	18,30	Povo
1	Qua	18,30	Aristides Passos; Luís Silva da Rocha, Maria José da Silva, José Rodrigues da Costa e Maria José Alves de Sousa; Madame Aubert; Helena Antonieta Martins Branco
2	Qui	18,30	José Augusto Pereira Chiado; Maria das Dores Pereira Carriço; José de Fátima Ferreira Chiado; Abílio Pereira Carriço; Maria Machado e António Maria Rodrigues; José Machado Rodrigues; Rosa de Araújo Fernandes; José Camilo da Costa Ramos; Francisco Rodrigues Gomes e José de Araújo Gomes; Arlindo Martins de Sousa Miranda; Olímpia Enes Baganha
3	Sex	18,30	Armando Gonçalves Martins; Manuel Narciso de Sousa Ramos
4	Sáb	18,30	Povo
5	Dom	10	Alfredo Cerdeira Esteves; Carlos Manuel Martins da Silva; José Guimarães; Angelina Mesquita; Armando Martins Azeites e Maria Miquelina; Maria Rosa Monteiro

PARÓQUIA VIVA

N.º 437 – 28/06/2009



Boletim Litúrgico-informativo • Senhor do Socorro - Viana do Castelo

Telefone: 30 200 99 91 / 258 80 67 56 / Telemóvel: 93 63 22 123 / Fax: 258 80 67 59

E-mail: paroquiasocorro@sapo.pt / Web: paroquiasocorro.no.sapo.pt • Sai todos os Domingos e Dias Santificados

13.º Domingo Comum – Ano B



«Jesus, ... levando consigo apenas o pai da menina e os que vinham com Ele, entrou no local onde jazia a menina, pegou-lhe na mão e disse: “Talitha Kum”, que significa: “Menina, Eu te ordeno: levanta-te”. Ela ergueu-se imediatamente e começou a andar, pois

já tinha doze anos.» (Evangelho)

Igreja e crise

Por: *Octávio Carmo*

A mensagem não passou e isso, só por si, seria um motivo de reflexão muito sério num país com mais de 2 milhões de pobres

Os portugueses sofrem na pele as consequências da crise que se abateu sobre a sua economia, mas já começam a ficar imunes ao autêntico bombardeamento noticioso que todos os dias explora o tema, das mais diversas maneiras. Neste conjunto de notícias, histórias, dramas e casos de polícia entram, também, as receitas mais ou menos milagrosas que muitos daqueles que não deram pela crise a rebentar querem agora apresentar para se sair da

mesma.

A Igreja Católica, ao reflectir sobre estes temas, deve evitar aparecer como mais uma “receitadora” perante a crise, até porque o seu notável trabalho junto daqueles que mais sofrem a torna uma voz muito mais autorizada do que aqueles que têm da pobreza apenas a imagem que lhes chega pela televisão ou nas fotos dos jornais.

Ao pedir uma nova pedagogia social, na sequência das suas últimas Jornadas Pastorais – num documento conclusivo que vale a pena ler com atenção – os Bispos do nosso país admitiam que as profundas mudanças que vivemos obrigam a inovação e criatividade. A crise é nova e seria impensável usar receitas do passado – lá está – para a tentar resolver.

Verdade seja dita, neste novo paradigma de vida cabem muitos dos valores que a Igreja sempre defendeu para as suas comunidades e para a sociedade. Por algum motivo, a mensagem não passou e isso, só por si, seria um motivo de reflexão muito sério num país com mais de 2 milhões de pobres, apesar de uma grande maioria da população se declarar católica.

(Continua na pág. 3)

13.º Domingo do Tempo Comum – Ano B

LITURGIA DA PALAVRA

1.ª leitura: *Sab. 1, 13-15; 2, 23-24*

2.ª leitura: *2 Cor. 8, 7.9.13-15*
Evangelho: *Mc. 5, 21-43*

- Basta que tenhas fé -

Em contraponto com a falta de fé dos discípulos por ocasião da tormentosa travessia do Mar da Galileia, o evangelista Marcos apresenta-nos hoje dois exemplos surpreendentes de fé: um chefe de sinagoga, cuja filhinha estava às portas da morte, e uma pobre mulher que, há doze anos, sofria de hemorragias e tinha gasto todas as suas posses sem conseguir melhoras.

Trata-se de duas situações que hoje classificaríamos de cientificamente irreversíveis, perante as quais mais nada haveria a fazer, aliás a adolescente acabaria mesmo por falecer. Pois os seus protagonistas não se resignam a tal fatalidade e voltam-se para Jesus. O chefe da sinagoga pede explicitamente a Jesus que venha impor as mãos à sua filha. A doente, sorrateiramente, mas de forma resoluta e anónima, procura a todo o custo tocar em Jesus.

De facto, a Palavra do Senhor deste domingo confronta-nos com três realidades, cujos desafios procuramos ao máximo evitar: a doença, a morte e a miséria. E porquê? Porque mexem com o nosso comodismo e nos trazem o sabor amargo da nossa finitude. Mas, nem por isso eles deixam de existir e, mais cedo ou mais tarde, somos mesmo confrontados com eles. Vale, por isso, a pena deixarmos-nos interpelar por esta Palavra e acolher a iluminação que ela nos oferece.

O nosso Deus é o Deus da vida, foi Ele que “deu o ser a todas as coisas” e garante-nos que não é “o poder da morte que reina sobre a terra”. A verdadeira morte é a da inveja e do pecado. Por isso, a doença e a morte fazem parte da nossa condição finita. Mas a morte transformouse, em Cristo Jesus, em “dies natalis”, dia do nascimento para a vida eterna.

Face à pobreza e à miséria, é frequente ouvir-se: “se eu fosse rico, faria isto, faria aquilo...”. S. Paulo, ao contrário, diz-nos que Jesus se fez pobre para nos “enriquecer pela sua pobreza”. Na verdade, só quem se sente pobre é capaz de se abrir aos outros. A solidariedade e a partilha fazem-se a partir da pobreza e não da riqueza. Esta fecha-nos em nós próprios e retira do nosso coração o espaço e a atenção para os outros. Não esperamos por ser ricos para ajudar os outros!

A actual situação de crise mundial é um fortíssimo desafio à generosidade e à solidariedade. O Papa Bento XVI afirmou que “no seio da comunidade dos crentes não deve haver uma forma de pobreza tal que sejam negados a alguém os bens necessários para uma vida condigna” (Deus é Amor, n.º 21), pois “a Igreja é a família de Deus no mundo. Nesta família não deve haver ninguém que sofra por falta do necessário. Ao mesmo tempo, porém, a ‘caritas-agape’ estende-se para além das fronteiras da Igreja: a parábola do bom Samaritano permanece como critério de medida, impondo a universalidade do amor que se inclina para o necessitado ‘por acaso’, seja ele quem for” (n.º 25).

A volta a dar a esta situação não será conseguida pela lógica das leis e dos interesses particulares, mas pela lógica do amor, pela lógica da fé.

Pe. José de Castro Oliveira

INFORMAÇÕES

Ofertório para S. Pedro: Por determinação da Conferência Episcopal Portuguesa, o ofertório das Missas deste domingo, dia 28, reverte para a “Cadeira de S. Pedro”. Trata-se, portanto, de uma partilha voluntária dos fiéis para ajudar a custear as despesas da Santa Sé.

Calendário Litúrgico: Na próxima 2.ª feira, dia 29, celebra-se na Liturgia Católica a Solenidade de S. Pedro e S. Paulo, Apóstolos.

Reunião do Conselho Paroquial para os Assuntos Económicos (CPAE): O pároco reúne com o CPAE (mais conhecido por Comissão Fabricqueira) na próxima 6.ª feira, dia 3, às 21 h., no Centro de Convívio. No início da reunião haverá, como de costume, um espaço de tempo aberto a qualquer paroquiano que queira apresentar algum assunto referente à administração dos bens da paróquia.

Jornada de Esclarecimento para IPSS: O Secretariado Diocesano de Acção Social promove no próximo sábado, dia 4, das 9,30 às 12,30 h., no Centro Pastoral Paulo VI, em Darque, uma Jornada de Esclarecimento para as Instituições Privadas de Solidariedade Social (IPSS). Pretende-se esclarecer sobre a legislação recente e suas consequências para as IPSS. O pároco convida todos os membros do Corpos Gerentes do Centro Social Paroquial a estarem presentes.

Catequese – Festa do Envio: No próximo domingo, dia 5, na Eucaristia, no Seminário, as 3 jovens que terminaram este ano o 10.º volume da Catequese e receberam o Crisma vão celebrar a Festa do Envio perante Deus e a comunidade cristã.

Peregrinação à Sr.ª do Minho: No próximo domingo, dia 5, realiza-se a Peregrinação Diocesana a N. Sr.ª do Minho, na Serra d’Arga. Sai em Cortejo Automóvel da Igreja Matriz de Caminha, às 14 h., devendo chegar pelas 15,30 h. ao Santuário da Sr.ª do Minho, seguindo-se a Concelebração presidida pelo Bispo da Diocese, D. José Augusto Pedreira.

(Continua na pág. 4)

Igreja e crise

Por: Octávio Carmo

(Continuação da 1.ª pág.)

“Ser católico” poderia, pura e simplesmente, surgir como o caminho que os líderes da Igreja têm a apontar aos seus fiéis, desde que se tirem dessa profissão de fé e de estilo de vida todas as suas consequências políticas, sociais, económicas e culturais. O pudor com que muitos abordam o seu catolicismo, na praça pública, torna menos visível esta dinâmica de cidadania que está presente nos baptizados que assumem a fundo esta condição.

A desilusão gerada pelo fim de um ciclo, na vida mundial, torna ainda mais pertinente a mensagem de esperança que está contida na fé cristã, uma esperança mais transformadora do que geradora de pessoas acomodadas, à espera do fim dos tempos, indiferentes ao correr dos dias.

A nova encíclica de Bento XVI poderá vir, neste contexto, a ser um sinal gigante desta atenção da Igreja aos efeitos da crise, com um conjunto importante de orientações e de estímulos em tempos novos, ainda com desfecho incerto.